


LUIZ FELIPE  
**PONDÉ**

 **COMO APRENDI  
A PENSAR**

OS FILÓSOFOS  
QUE ME FORMARAM

 Planeta

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

UMA HISTÓRIA MARGINAL DA FILOSOFIA . . . . . 11

1. FILOSOFIA ANTIGA . . . . . 15

2. ANTIGUIDADE TARDIA . . . . . 47

3. UMA HISTÓRIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL,  
AINDA QUE MARGINAL . . . . . 73

4. RENASCIMENTO E FILOSOFIA MODERNA . . . . . 107

5. A FORMAÇÃO DA MODERNIDADE BIPOLAR EM  
FILOSOFIA: A DIALÉTICA ENTRE ILUMINISMO  
E ROMANTISMO E O DEBATE ÉTICO . . . . . 143

6. FRAGMENTOS DO CONTEMPORÂNEO . . . . . 179


## CONCLUSÃO

A BATALHA CONTRA O NIILISMO E A VIDA INTENSA. . . 203



## INTRODUÇÃO

# UMA HISTÓRIA MARGINAL DA FILOSOFIA

 Planeta

Este não é um livro de história da filosofia. Este é um livro da minha história com a filosofia (e com a literatura, com a teologia e com outras formas de ciências humanas). E vale repetir: há muito de teologia em minha filosofia, apesar de eu não ser um *croyant* (homem de fé).

E mais do que isso: este livro é uma brevíssima história marginal da filosofia. Marginal porque passarei por autores e autoras (e aqui você já pode notar quão marginal é minha história da filosofia, na medida em que tratarei de mulheres medievais escrevendo) que talvez o *mainstream* considere pouco importantes. Mas o *mainstream* nunca me importou. Minha intenção é dar ao leitor uma percepção clara das questões, autores e períodos históricos que me fizeram ser o filósofo que

sou hoje. Por consequência, não serei fiel a nenhuma ortodoxia relacionada à história da filosofia, nem ao que outros pensam que eu deveria privilegiar ou deixar de privilegiar. Como em todo o meu percurso, e aqui não poderia ser muito diferente, não costumo me preocupar com o que pensam de mim, evidentemente. Esse traço de personalidade acabou por se revelar um “ativo”, como dizem hoje por aí, no mundo das redes sociais. Tangencio o zero de preocupação com o que falam de mim. Não atinjo o zero propriamente dito porque acabei por me tornar um profissional das redes (mas meu contato é 100% profissionalizado), e existem sempre os riscos jurídicos (por isso, devemos cuidar da linguagem) causados pelos ressentidos que circulam em busca de aniquilar vidas, carreiras e imagens.

Gostaria, portanto, de marcar meu quase desinteresse pelo que pensam de mim ou do que escrevo. Isso pode ser uma qualidade positiva ou negativa, eu sei. Mas, ao mesmo tempo, como disse antes, dedico este livro aos meus leitores e seguidores com quem converso há alguns anos por meio da minha coluna na *Folha de S. Paulo*, das minhas participações na TV Cultura, na Rádio e TV Bandeirantes (São Paulo), Rádio SulAmérica Paraíso (Rio de Janeiro) e Rádio MetrÓpole (Salvador), dos meus canais no YouTube e e-mails; logo não sou, nem nunca fui, indiferente a quem me acompanha. Respondo a perguntas em vídeos, e-mails, escrevo colunas, muitas vezes a partir dos conteúdos que me trazem. Valorizo

muito meus parceiros. Não tenho saco é para chatos e ofendidos. E apesar de muitos comentários em mídias serem lixo, há muita coisa de valor. O mundo está de tal forma que nem podemos considerá-lo um fracasso pleno, e desencanar totalmente dele, nem podemos amá-lo em paz, uma vez que o mal impera em quase toda parte. O desencanto e o ceticismo são sempre estados de afetos que nos ameaçam nas brechas do dia a dia.

Este livro mesmo, que agora você tem em mãos, é fruto de pedidos de muitos dos meus seguidores e leitores. Assim como o curso que passei a oferecer em 2018, com o mesmo tema, em plataforma EAD. São dois produtos independentes, mas que dialogam e se completam, quando colocados lado a lado. A ideia é oferecer a quem me acompanha um conjunto de informações consistentes sobre a história da filosofia a partir do impacto que esse conjunto de informações teve em minha vida de estudante e de profissional da área.

Cheguei à filosofia já na metade da segunda década de vida, após anos de medicina e psicanálise, casado e pai de um filho, portanto, não era um adolescente em busca de uma resposta para conflitos juvenis. Optar pela filosofia foi uma espécie de declaração de guerra à vida banal de quem se dedica a algo apenas por dinheiro ou por conveniência. Sempre fui uma pessoa intensa, para o bem e para o mal. Espero voltar a esse tema da vida intensa no momento contemporâneo desse percurso.

Antes de tudo devo esclarecer que não chegarei a detalhes como datas de nascimento, morte ou publicações. Quando muito indicarei séculos ou épocas em que os autores atuaram ou suas obras foram elaboradas. Enfim, o necessário para que meu leitor ou seguidor possa localizar, no tempo e no espaço, do que, ou sobre quem, estou falando. A ordem será quase sempre cronológica, e não a ordem em que, ao longo da minha formação, tive contato com o referido conteúdo. A escolha por respeitar a ordem “objetiva” do tempo, em detrimento da minha ordem, um tanto “subjéctiva”, é para não nos perdermos em detalhes biográficos. Esta obra não é uma biografia, mas sim um memorial, por meio do qual dialogarei com aqueles que me formaram e me trouxeram até aqui, diante de você. Quando falo e escrevo, faço-o acompanhado por esses nomes que comporão o painel que agora ofereço.

O livro está dividido em seis capítulos: Filosofia antiga; Antiguidade tardia; Uma história da filosofia medieval, ainda que marginal; Renascimento e filosofia moderna; A formação da modernidade bipolar em filosofia: a dialéctica entre Iluminismo e Romantismo e o debate ético; e, por último, Fragmentos do contemporâneo. Não vou me aprofundar propriamente no contemporâneo, além dos autores e dos temas que me formaram, porque pretendo, em breve, oferecer um curso e um livro específicos sobre esse tópicO.

CAPÍTULO 1

# FILOSOFIA ANTIGA



Planeta





A filosofia antiga é uma das minhas paixões. Como período histórico filosófico, é, sem dúvida, o que mais me marcou. Seu impacto em minha formação foi grande, mas não me refiro especialmente aos seus três maiores nomes, Sócrates, Platão e Aristóteles. Refiro-me, mais especificamente, aos autores das tragédias, aos sofistas, aos céticos, aos estoicos e aos epicuristas, o que para muitos seria já uma filosofia grega marginal. O mundo ocidental é o encontro entre Jerusalém e Atenas, e aqui falaremos de Atenas. No próximo capítulo, trataremos de Jerusalém.

Como disse, seguirei quase sempre uma ordem cronológica objetiva, e não uma ordem biográfica subjetiva. Por isso mesmo, início falando dos trágicos, ainda que tenha entrado em contato com eles tardiamente, e, seguramente, depois de conhecer os demais autores gregos ou romanos.

## **Do mito, a tragédia e a filosofia**

Falarei brevemente sobre o mito, algumas palavras agora e outras quando me ocupar da herança hebraica no próximo capítulo.

O mito é uma narrativa ficcional, de autoria desconhecida, que carrega forte significado simbólico para a humanidade. Dentro dessa narrativa, estão a origem das coisas, o sentido e o funcionamento delas e do sofrimento, os modos de salvação, a vida social e política, a vida e a morte, e a vida após a morte. Enfim, todo um conjunto de questões essenciais se apresentam em um roteiro com personagens e, não necessariamente, conceitos. Na tragédia ática (mais conhecida como grega), essas narrativas passam por um “primeiro tratamento” criativo (depois virão a filosofia e a ciência moderna), aberto à indagação humana histórica, escrito por homens reais e para homens e mulheres reais, de carne e osso, assistirem, discutirem, chorarem e se identificarem. Na máxima de Aristóteles, século IV a.C., a tragédia visava gerar terror e piedade em quem a assistia, a fim de levar as pessoas à catarse (purificação), pela identificação com o sofrimento dos heróis e heroínas. Enfim, uma reflexão mediada pela crença religiosa no mito, relida pela pena de dramaturgos inseridos no tempo histórico real. Um descolamento da crença pura e simples, descolamento este que se manifestará claramente no surgimento da filosofia, já na mesma época, na chamada filosofia pré-socrática, que seguirá na direção de buscar o entendimento das mesmas questões essenciais, agora via razão, observação sensorial do mundo e construções de conceitos.

Entretanto, o descolamento das narrativas míticas ficcionais jamais será pleno, pois a filosofia sempre estará em diálogo com formas religiosas, espirituais, literárias e artísticas, como veremos ao longo de nosso percurso neste livro.

## A tragédia

Há algo de muito significativo em começar nosso percurso com a tragédia grega. Já escrevi algumas vezes que a tragédia é minha casa. Quanto mais vivo, mais sinto que os trágicos tinham razão em muitas coisas. Tanto no que há de desesperador quanto no que há de grandioso em se lutar corajosamente uma batalha sempre perdida. Antígona, na peça homônima de Sófocles, caminhando para a morte, mergulhada no silêncio da calma trágica, é um dos momentos máximos da coragem humana. A reverência silenciosa é o mínimo que podemos oferecer a tamanho sacrifício diante dos rigores do destino humano. Voltaremos a ela em breve. A reverência é uma virtude máxima dos verdadeiros sábios. Quem não tem reverência por nada, nada sabe de coisa alguma.

Quando eu me refiro à tragédia grega, penso, acima de tudo, em termos históricos e bibliográficos, em autores como Ésquilo, Sófocles e Eurípedes, o primeiro nascido ainda no século VI a.C. e os outros dois

já nascidos no século V a.C., o grande século da democracia ateniense. Obras como *Prometeu acorrentado* (Ésquilo), *Édipo rei* e *Antígona* (Sófocles), *Medeia* (Eurípedes), entre tantas, são exemplos de tragédias levadas à cena em Atenas neste período. Mas, quando falamos em tragédia em filosofia, vamos além das obras desses grandes mestres, e adentramos a questão da contingência (e decorrente falta de sentido da vida) em filósofos como o grego Epicuro (que viveu entre os séculos IV e III a.C.) e o romano Lucrecio (que viveu no século I a.C.), ou mesmo, mais modernamente, no século XIX, Schopenhauer e Nietzsche, e Cioran no século XX, entre outros nomes possíveis.

Antes de voltar ao conceito de tragédia, vale dizer algo breve sobre o contexto no qual ela surge: a democracia ateniense. É comum entre especialistas a ideia de que essa democracia é, em parte, responsável pelo surgimento dessa literatura sofisticada que foi a tragédia ática, mesmo que nela apareçam indagações duras sobre a própria democracia e a “lei dos homens” surja como objeto de dúvida, algumas vezes de crítica e de ansiedade. Mas, antes de olhar mais de perto, é importante ressaltar que a prática do debate das leis e modos de conduta (comum em discussões democráticas), provavelmente, impactou o pensamento do homem culto de Atenas da época. A democracia estimulava e continua a estimular a indagação e a investigação dos limites do pensamento, e das práticas decorrentes dessa

investigação. Mesmo a filosofia, um pouco posterior às tragédias, seguramente se alimentou desse “estímulo” público ao pensamento presente na democracia. Para você imaginar o que foi isso, basta pensar como a democracia hoje produz essa imensa profusão de ideias, palavras, ódios, propostas e projetos que vemos por toda parte, principalmente, depois dessa ágora louca e desequilibrada conhecida como mídias sociais.

Quando os homens se põem a pensar sobre como conduzir suas vidas e suas crenças, a tradição ou a religião estabelecida sofrem esse impacto – veja como hoje, de novo, isso acontece quando pensamos em crenças, hábitos, práticas e modos de conduta ou leis. A sensação de vertigem acompanha toda reflexão séria sobre as coisas.

Pode o homem mudar sua vida e a vida na cidade, ou a vida é objeto de decisão dos deuses, decisão essa materializada nas crenças religiosas e nas tradições? Quando em *Hécuba*, peça de Eurípedes que carrega o nome da esposa de Príamo, rei de Troia, os gregos se perguntam se existem mesmo os deuses para os quais oramos ou se são apenas seres imaginários, e, portanto, seria a contingência cega que rege o mundo, eles estão se perguntando se estamos sozinhos no mundo, entregues a forças cegas, ou se alguma forma de inteligência rege essas forças que se abatem sobre nós. Ninguém tem essa resposta, e talvez jamais terá. Mas a questão se impõe para além da resposta impossível. A primeira coisa

que se aprende em filosofia é que o que importa são as perguntas, e não, necessariamente, as respostas. Filosofar é aprender a fazer perguntas significativas que nos tornam mais inteligentes e mais interessantes (não, necessariamente, mais felizes), mesmo que sejamos mera poeira que pensa no vazio do universo, ou talvez, exatamente por isso. Voltemos, assim, à tragédia.

Quando digo que até hoje penso que os gregos trágicos tinham razão quis dizer o seguinte: somos seres assustados pela constatação de que somos objetos de forças incontroláveis, e não parece haver sentido no modo como somos afetados por essas forças. Decorrente desse fato, os deuses (se existirem) não são tão confiáveis assim, ou pelo menos eles circulam por esferas tão acima de nós que jamais entenderão o que é ser mortal (repito aqui, aproximadamente, uma ideia de Epicuro sobre os deuses). Quando Apolo, no oráculo de Delfos, nos manda conhecer a nós mesmos, ele quer dizer “saibas que tu és mortal”. A vida é fadada ao fracasso. O destino final da vida humana é a derrota. A figura das moiras cegas tecendo o destino de nossas vidas mostra essa falta de sentido do que acontece. Daí a questão sobre a possível contingência final das coisas. Como afirma Macbeth, na peça homônima de Shakespeare (que viveu entre os séculos XVI e XVII), a vida seria um conto narrado por um idiota, um ator correndo de um lado para o outro do palco, cheio de som e fúria, significando nada.